

C. S. MARÍTIMO, 2 – SINTRENSE, 0 NELSON E EMANUEL, DUAS GOTAS DE ÁGUA NO OCEANO

O Sintrense reconhecendo o maior valor do seu adversário ensaiou no Estádio dos Barreiros na tarde de Domingo frente ao Marítimo um bem

Árbitro — Inácio de Almeida (de Setúbal).

Auxiliares — José Duarte e Carlos Valente.

MARITIMO — Amaral; Fernando, Eduardo Luís, Bira e Arnaldo; Nelson, Ângelo (cap.) (Calisto) e Eduardinho; Tininho (Emanuel Silva), Arnaldo e Norberto.

SINTRENSE — José António; Pedroso, Vítor Marques, Luz e Alcino; Marques (José Ferreira), Anselmo, Sequeira e Marquitos (cap.); Sérgio e Varela (Arnaldo).

OS GOLOS:

— Aos 7 minutos de jogo e na sequência de um «directo» junto à área sintrense, NELSON após simulações sobre a bola por banda de Ângelo e Eduardinho, atirou o esférico estupendamente em arco pleno de colocação que bateu José António.

tónio.

— Aos 58 minutos, Nelson, inconformado, rompeu na área adversária tentando o «1-2» com Emanuel Silva mas José António saiu ao seu encontro e ao tentar captar o esférico colocou-o à mercê de NORBERTO que se limitou a empurrar para o fundo das malhas.

montado sistema defensivo assente no clássico «4x4x2».

Assim encaixados, pensaram poder travar o ímpeto atacante verde-rubro que se de-

senhou desde os primeiros minutos do jogo. Aconteceu porém que não se vislumbrava nos atletas sintrenses aquele mínimo de atributos que constituem um jogador razoável.

Os mais habilidosos pouco corriam, por veterânia a mais e aos mais jovens rareava qualidades para oporem à melhor valia técnica dos seus adversários.

Contudo superaram tais deficiências com uma dedicação extraordinária batendo-se com galhardia, tentando chegar primeiro ao esférico que o adversário.

Só assim se explicará o porquê de chegarem ao intervalo a perder apenas por um golo de diferença?

De forma alguma. O que aconteceu foi que os atletas verde-rubros facilitaram demasiado a tarefa dos centro-campistas (4) e defensores sintrenses (4), na medida em que:

1 — Os madeirenses afunilaram demasiado a sua frente atacante.

2 — Insistiram sistematicamente com o despejo de bolas pelo ar em direcção à área sintrense onde nenhum avançado lá «subia».

3 — Não exploraram as longas faixas laterais de terreno deixadas livres, sobretudo no corredor esquerdo quando Arnaldo II deambulava pelas faixas centrais.

Assim, foi ver-se os três avançados verde-rubros, Tininho, Arnaldo e Norberto metidos pelo coração da área vezes sem conta, por entre uma «floresta» de sintrenses onde só um ressalto ocasional poderia conceder qualquer chance; ninguém houve que fosse até às cabecelras pelos flancos a atrasar para possíveis colegas balanceados da rectaguarda;

nenhum dos laterais verde-rubros, daqueles que têm vindo a ser utilizados possuem as qualidades necessárias (velocidade, bons pés para centrar, sentido de recolocação) para poderem vingar como defesas do futebol moderno.

Efectivamente Fernando que é um excelente defesa, melhor talvez no flanco esquerdo, perde-se em ultrapassando a linha divisória do meio-campo onde tudo lhe faz confusão e Arnaldo que prima pela excelente colocação e visão exacta do lance, dificilmente, muito menos no flanco esquerdo, se fará um defesa do futebol actual, daqueles que funcionam como extremos sempre que a oportunidade surge.

Com o tempo talvez quer um quer outro lá possam chegar em termos razoáveis, mas aí o campeonato já irá longe demais...

Neste encontro com o Sintrense em que o golo aparecendo logo no limiar da partida deveria ter consistido como um «doping» para o arrancar de uma exibição que se saldasse num substancial número de golos, tal se não verificou. O tempo foi-se passando enervantemente muito embora a equipa sintrense nunca denunciasse qualquer perigo atacante, pois se revelava bastante inofensiva, na medida em que os dois homens da frente, pouco apoiados pelos seus médios, com outras preocupações, nada poderiam realizar de positivo.

Apenas à meia-hora um ressalto ganho por Varela permitiu que se isolasse, mas aí a pronta e decidida saída de Amaral de entre os postes até fora da sua área para defender a pontapé, evitou o pior.

Nota-se na equipa de Pedro Gomes o querer dos seus atletas em realizar bem e depressa.

Vislumbra-se que o técnico insiste em que se jogue ao primeiro toque com mutações de flanco a surpreender a defesa adversária. Nota-se e seria injusto se o não dissessemos, mas a verdade é que alguns atletas têm nada contribuem para esse fim, muito especialmente os homens mais avançados, que de posse do esférico demoram em soltá-lo.

Nelson e Eduardinho, sobre tudo estes, bem se esforçam por o conseguir, por atingirem mais facilmente a área adversária jogando apoiado, mas a bola em chegando lá mais adiante parece querer fugir a todos.

Futebol é jogo de conjunto e o drible em excesso só se justifica em situações de força maior, excepcionais.

Como justificação — não necessitariam de justificações — do que atrás fica dito, aponte-se o exemplo do jovem Emanuel Silva que, entrando no 2.º tempo no lugar de Tiniño, exemplificou bastas vezes a utilidade, a eficiência do futebol devidamente apoiado e jogado em constantes des-

marcações e com o esférico solto ao primeiro toque.

Efectivamente ele e Nelson constituíram as quase únicas exceções honrosas desta equipa que defrontou os sintrenses, embora outros também estivessem razoavelmente.

O Sintrense, como já dissemos, revelou-se-nos uma equipa que embora bem arrumada e com um padrão de jogo definido, não possui as pedras-base necessárias para num futuro próximo poder revelar-se capaz de maiores méritos.

Saliente-se contudo a disciplina que sempre demonstraram aliada ao seu muito querer. Não será tudo numa equipa, mas por vezes opera «magras».

Magnífico comportamento do árbitro setubalense Inácio de Almeida em todos os capítulos. Até no de rectificar decisões dos seus auxiliares.

José Manuel Silva



Bola a pingar sobre as redes do guardião sintrense foi palavra-de-ordem dos atacantes verde-rubros, faceta que se revelaria improlixa. Na foto, os marcadores dos tentos do Marítimo, Nelson e Norberto.